UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTIFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:
https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8673331

DOI: https://doi.org/10.20396/cel.v65i00.8673331

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:
©2023 by UNICAMP/IEL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo
CEP 13083-970 – Campinas SP
Fone: (19) 3521-6493
http://www.repositorio.unicamp.br

DOI: 10.20396/cel.v65i00.8673331

ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS SOBRE CONTATO DIALETAL: CONTRIBUIÇÕES DO VARIEM E AGENDA DE PESQUISA

SOCIOLINGUISTIC STUDIES ON DIALECTAL CONTACT: CONTRIBUTIONS OF VARIEM AND RESEARCH AGENDA

Livia Oushiro[1]
Gustavo de Campos Pinheiro da Silveira[2]
Emerson Santos de Souza[3]
Leonardo Ferraz[4]
Iris Massuci[5]
Zhu Ruizhi[6]
Sarah Poli Barbosa[7]
Almir Almeida de Oliveira[8]
Joana Gomes dos Santos Figuereido[9]

Resumo: A fala de migrantes em situação de contato dialetal tem sido preterida em estudos sociolinguísticos de vertente variacionista, que costumam privilegiar a fala de pessoas nascidas e criadas localmente. Tendo em vista a mobilidade populacional e a realidade sociodemográfica de muitas comunidades brasileiras, este artigo tem o duplo objetivo de (i) apresentar pesquisas realizadas pelo Laboratório VARIEM (UNICAMP) sobre a fala de migrantes nordestinos

[1] Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo. Professora MS-3 da Universidade Estadual de Campinas, Brasil. oushiro@unicamp.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2165-3305
[2] Mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil. silveira.gustavocampos@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2869-2024
[3] Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Araci/BA, Brasil. souza.emersonsantos@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4123-0788
[4] Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista. Mestrando em Linguística na Universidade Estadual de Campinas, Brasil. l165675@dac.unicamp.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8218-9550
[5] Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil. i218032@dac.unicamp.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0002-6650-997X
[6] Mestrado em Língua e Cultura Europeias da Beijing Foreign Studies University, China. Doutorando em Linguística da Universidade Estadual de Campinas, Brasil. nbruizhi6@foxmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8827-7941
[7] Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil. sarahpb98@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0009-1554-1161
[8] Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Alagoas, Brasil. almir.oliveira@uneal.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3682-5480
[9] Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Centro Universitário Maria Milza, Brasil. joanagsf@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4237-218X

residentes no estado de São Paulo, as quais, em conjunto, já permitem traçar algumas generalizações sobre o papel das variáveis Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência nos processos de variação e mudança na fala de migrantes; e (ii) mapear lacunas e questões pendentes, a fim de delinear uma agenda de pesquisa para os estudos sociolinguísticos sobre contato dialetal. Argumenta-se que se faz necessária a análise da fala de migrantes, da mobilidade sociodemográfica e do contato dialetal para um quadro mais completo da Teoria da Variação e da Mudança (Weinreich *et al*, 2006 [1968]) e que, não obstantes os desafios que circundam o tema, a metodologia de análise variacionista se mostra particularmente adequada para a observação dos complexos padrões de variação na fala de migrantes.
Palavras-chave: contato dialetal; migrantes; Laboratório VARIEM.

Abstract: The speech of migrants in dialectal contact situations has been overlooked in variationist sociolinguistic studies, which tend to focus on the speech of the locally born and raised. Taking into account population mobility and the sociodemographic reality in many Brazilian communities, this article aims to (i) present works developed within the Laboratory VARIEM (UNICAMP) on the speech of Northeastern migrants living in the state of São Paulo, which, taken together, allow for generalizations on the role of Gender, Age of Arrival, and Length of Residence in processes of language variation and change in the speech of migrants; and (ii) map the gaps and pending questions in order to outline a research agenda for sociolinguistic studies on dialectal contact. We argue that the analysis of migrants' speech, sociodemographic mobility and dialectal contact is necessary for a more comprehensive Theory of Language Variation and Change (Weinreich et al, 2006 [1968]). Although the topic raises a number of challenges, the variationist methodology of linguistic analysis is particularly suitable for observing the complex patterns of language variation in migrants' speech.
Keywords: dialectal contact; migrants; Laboratory VARIEM.

1. INTRODUÇÃO

O contato dialetal — aqui entendido como o contato entre variedades mutuamente inteligíveis de uma mesma língua (Trudgill, 1986, p. 1) — apenas recentemente passou a ser analisado de modo sistemático em estudos sociolinguísticos, já que boa parte das pesquisas variacionistas se debruça sobre a fala de nativos da comunidade, considerados prototípicos para a caracterização do falar regional (Dodsworth, 2017). Falantes nascidos e criados em outras localidades, ou cuja trajetória de vida é marcada pela mobilidade geográfica, são geralmente preteridos nesses estudos por possivelmente carregarem marcas dialetais de fora da comunidade sob enfoque (Oushiro, 2023a, no prelo).

Em parte, isso se deve a resquícios da tradição dialetológica da virada do século XIX ao XX, uma vez que o caráter inicialmente qualitativo dessa área deu preferência ao registro da fala de homens mais velhos, de zonas rurais e que nunca haviam vivido em outras localidades (os chamados "NORMs"[10]), como modo de obter amostras de fala relativamente estáveis e regionalmente distintas (Chambers, 1992, p. 674).[11] Contudo, mesmo após o advento da sociolinguística laboviana, orientada ao exame quantitativo da variação linguística em diferentes tipos de comunidades e agrupamentos sociais, manteve-se a preferência pela fala de não migrantes. Um dos motivos para esse fato é a dificuldade de se controlar um grande número de variáveis potencialmente

[10] Do inglês *nonmobile, older, rural males*.

[11] Cumpre notar, todavia, que pesquisas mais recentes em dialetologia, sobretudo as de cunho pluridimensional (Thun, 1998), têm ampliado o escopo sociodemográfico dos falantes, por exemplo, pela preocupação com as dimensões dialingual (referente ao contato entre línguas) e diatópico-cinética (referente à análise linguística de grupos sociais móveis). Ver, por exemplo, o Projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA) (https://www.ufrgs.br/projalma/), e a rica produção bibliográfica aí citada.

correlacionadas à fala do migrante: histórico de migração, atitudes quanto aos dialetos em contato, habilidades individuais para aquisição de novos padrões linguísticos em diferentes fases da vida, para citar apenas alguns.

Contudo, a observação da realidade sociodemográfica de muitas comunidades, sobretudo urbanas, conduz à constatação de que é ilusória a busca por um pretenso falar "puro", livre de influências externas. A mobilidade geográfica e social é antes a regra do que a exceção para a maior parte dos indivíduos. A partir dessa perspectiva, o Projeto "Processos de acomodação dialetal na fala de nordestinos residentes em São Paulo" (Processo FAPESP 2016/04960-7; doravante Projeto Acomodação), desenvolvido por membros do Laboratório Variação, Identidade, Estilo e Mudança (VARIEM) na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), foi um dos primeiros a investigar sistematicamente os processos de variação e mudança na fala de migrantes de uma região dialetal para outra.[12] Para além do Projeto FAPESP, pesquisas em nível de graduação, pós-graduação e pós-doc têm contribuído para a busca de regularidades nos processos que envolvem o contato entre dialetos.

Este artigo tem o objetivo de, primeiramente, noticiar os resultados de pesquisas do Laboratório VARIEM que concernem à fala de migrantes e as generalizações que podem ser depreendidas a partir de tais resultados (Seção 2); em seguida, objetiva-se mapear as lacunas e as questões pendentes dentro desse tópico de pesquisa, delineando uma agenda de estudos a ser desenvolvida na Sociolinguística (Seção 3). Argumenta-se que se faz necessária a análise da fala de migrantes, da mobilidade sociodemográfica e do contato dialetal para um quadro mais completo da Teoria da Variação e da Mudança (Weinreich *et al*, 2006 [1968]). Não obstantes os desafios que circundam o tema, a metodologia de análise variacionista se mostra particularmente adequada para a observação dos complexos padrões de variação na fala de migrantes.

2. RESULTADOS DE PESQUISAS DESENVOLVIDAS NO LABORATÓRIO VARIEM

O Projeto Acomodação propôs análises de seis variáveis sociolinguísticas na fala de migrantes dos estados de Alagoas e Paraíba que se deslocaram ao estado de São Paulo. Foram quatro variáveis fonéticas e duas morfossintáticas, diferenciadoras de dialetos do Nordeste e do Sudeste e do *continuum* rural-urbano (Bortoni-Ricardo, 2011 [1985]), escolhidas para investigar se há diferenças nos padrões de acomodação quanto a diferentes tipos de variáveis: (i, ii) as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ (p. ex., *relógio* e *romã*) quanto à sua altura (medidas de F1 em Hz); (iii) a pronúncia variável de /r/ em coda (p. ex., *porta* e *mulher*) como tepe/aproximante retroflexa [ɾ, ɻ] ou fricativa glotal [h, ɦ]; (iv) a realização de /t, d/ antes de [i] (p. ex., *tia* e *dia*) como africada [t͡ʃ, d͡ʒ, ts, dz] ou oclusiva [t, d]; (v) a concordância nominal padrão vs. não padrão (p. ex., *as casas* vs. *as casa-*$\varnothing$) ; e (vi) a estrutura da negação sentencial simples (neg1) vs. negação dupla ou pós-verbal (neg2/neg3) (p. ex., *não vi*, *não vi não*/*vi não*).

As seis variáveis sociolinguísticas foram analisadas em duas amostras. A Amostra 1, composta de gravações preexistentes com 32 migrantes alagoanos e paraibanos residentes na cidade de São Paulo, estratificados em Gênero (feminino; masculino), Faixa Etária (20-34; 35-59; 60+ anos) e Nível de Escolaridade (até Ensino Médio; Ensino Superior), foi utilizada como *corpus* exploratório, com o objetivo de levantar hipóteses

[12] Para uma revisão abrangente de trabalhos prévios sobre a fala de migrantes em situação de contato dialetal, que foge ao escopo do presente artigo, ver Oushiro (2023a, no prelo).

específicas a se testar sistematicamente numa nova amostra. Os resultados dessas análises, reportadas em Oushiro (2020a), apontaram para a relevância das variáveis Idade de Migração e Tempo de Residência em São Paulo, que foram então controladas na Amostra 2.

O novo conjunto de gravações, coletadas na Região Metropolitana de Campinas, é composto por entrevistas com 40 migrantes alagoanos e paraibanos balanceados por seu Gênero (feminino; masculino), Idade de Migração (até 19 anos; 20+ anos) e Tempo de Residência (até 9 anos; 10+ anos). Para evitar o efeito de outras variáveis, buscou-se padronizar o perfil desses falantes quanto a características sociodemográficas: praticamente todos os falantes da Amostra 2 são provenientes de regiões rurais, adultos e inseridos no mercado de trabalho (entre 20–60 anos, ou seja, não há adolescentes ou aposentados), e cursaram até, no máximo, o Ensino Médio. Para inferir o grau de mudança na fala dos migrantes, além da consulta a pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas sobre as seis variáveis, organizaram-se amostras-controle a partir dos dados dos Projetos VALPB (Hora, 2005), PORTAL (Oliveira, 2017), SP2010 (Mendes e Oushiro, 2012) e da pesquisa de mestrado de Mourão (2018), gentilmente cedidos pelos respectivos pesquisadores responsáveis.[13] Todas as gravações da Amostra 1, Amostra 2 e amostras-controle foram transcritas de modo alinhado à onda sonora no programa ELAN (Sloetjes e Wittenburg, 2008), e todas as análises abaixo reportadas foram feitas na plataforma R (R Core Team, 2018–2022).

Oushiro (2019a) apresenta os resultados de análises sobre as vogais médias pretônicas, tratadas sociofoneticamente a partir de medidas acústicas de F1 e de F2 (Hz) normalizadas pelo método de Lobanov (1971). Considerando-se que a diferenciação entre dialetos do Nordeste e do Sudeste se dá principalmente pelo abaixamento vocálico (não pelo alçamento, como em *m*[i]*nino*), foram analisados os dados de vogais apenas nos contextos favorecedores do traço [-alto] (ou seja, [ɛ] e [ɔ]) na variedade paraibana — a saber, quando a vogal pretônica é seguida de sílaba com vogal baixa /ɛ, a, ɔ/, como em *ge<u>la</u>deira* e *cor<u>ta</u>va*, ou nasal /ĩ, ẽ, ã, õ, ũ/, como em *ro<u>mã</u>* e *dife<u>ren</u>te* (Pereira, 1997). Nesse contexto, observou-se que a altura das vogais pretônicas /e/ e /o/ se correlaciona com a Idade de Migração do falante, mas não com seu Gênero ou Tempo de Residência. A correlação se dá na direção esperada: quanto mais cedo o migrante chegou ao estado de São Paulo, mais baixa tende a ser a medida de F1, o que significa afirmar que a vogal média pretônica tende a ser relativamente mais alta, de modo semelhante à pronúncia paulista.

Em análise subsequente, Oushiro (2019b) investigou a covariação entre os dois segmentos pretônicos, ou seja, se os falantes que tendem a uma realização mais alta de /e/ também tendem a uma realização mais alta de /o/ — de modo que a acomodação à pronúncia paulista ocorra de modo paralelo nas duas vogais —, ou se tais processos ocorrem de modo independente. Para tanto, o *corpus* do Projeto SP2010 foi analisado como amostra-controle do falar paulistano, a fim de determinar se cada migrante havia se acomodado a ambas as vogais, a apenas uma delas ou a nenhuma. Oushiro (2019b) verificou uma correlação significativa, mas fraca ($\rho = 0{,}38$; $p = 0{,}03$), entre a altura das vogais na fala de migrantes. O exame mais detalhado dos indivíduos indica que 13 dos 32 falantes convergiram ao padrão paulistano para ambas as vogais, 16 acomodaram a apenas uma delas, e três a nenhuma. Essa constatação explica a fraca correlação entre as vogais /e/ e /o/ na Amostra 1 e, ademais, indica que a acomodação a um traço linguístico da comunidade de destino não necessariamente implica na acomodação a outro, mesmo

[13] Para uma descrição mais detalhada dos procedimentos e métodos do Projeto Acomodação, ver Oushiro (2023a).

quando se trata de variáveis estruturalmente relacionadas, como é o caso das vogais médias pretônicas.

Os padrões divergentes para diferentes traços linguísticos são vistos ainda mais claramente em Oushiro (2020b), sobre as variáveis /r/ em coda, /t, d/ antes de [i], negação sentencial e concordância nominal, nos dados da Amostra 2, em contraste com as amostras PORTAL/VALPB e SP2010. O objetivo desse estudo foi o de contrastar sistematicamente o papel das variáveis sociais Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência na acomodação a traços da variedade paulista por parte dos migrantes alagoanos e paraibanos. Em média, os 40 migrantes se aproximaram da variedade paulista/urbana quanto à realização de /r/ em coda (migrantes: 31,6% de [ɾ, ɹ] vs. alagoanos/paraibanos não-migrantes: 0%), /t, d/ antes de [i] (migrantes: 38,3% de [t͡ʃ, d͡ʒ] vs. alagoanos/paraibanos não-migrantes: 13,7%) e negação sentencial (migrantes: 87% de negação simples vs. alagoanos/paraibanos não-migrantes: 82%), mas não quanto à concordância nominal. Nas análises de regressão, observou-se correlação com o Gênero dos falantes para /t, d/ antes de [i] e concordância nominal: as mulheres favorecem as variantes urbanas [t͡ʃ, d͡ʒ] e concordância nominal padrão. Para a Idade de Migração, observou-se correlação com as variáveis /r/ e /t, d/: quanto mais cedo migrou, maior a tendência a empregar as variantes da comunidade anfitriã [ɾ, ɹ] e [t͡ʃ, d͡ʒ]. Por fim, para Tempo de Residência, observou-se correlação apenas com /r/: tendem a empregar as variantes paulistas quem reside há mais tempo na Região Metropolitana de Campinas.

Esses resultados, junto àqueles para as vogais médias pretônicas, permitiram chegar às seguintes generalizações:

- o Gênero dos falantes se correlaciona com variáveis associadas ao *continuum* rural-urbano, mas não com aquelas diferenciadoras dos dialetos do Sudeste e do Nordeste: as mulheres se mostraram favorecedoras das variantes urbanas [t͡ʃ, d͡ʒ] e concordância nominal padrão, e não se verificou diferença significativa entre homens e mulheres para as variáveis /e, o/ pretônicos, /r/ em coda e negação sentencial;
- a Idade de Migração se correlaciona com as variáveis fonéticas /e, o/, /r/ em coda e /t, d/ antes de [i], mas não com as variáveis morfossintáticas. Em todos os casos de correlação, os falantes tendem a empregar as variantes típicas da comunidade de destino quanto mais cedo chegaram;
- o Tempo de Residência se correlacionou apenas com a variável /r/ em coda. Para dar conta desse resultado, Oushiro (2020b) aventa a possibilidade de que o comportamento distinto de /r/ comparativamente às demais variáveis se deve à sua saliência social, já que é o traço linguístico mais frequentemente mencionado pelos migrantes como característica diferenciadora de dialetos, pela qual são identificados como não nativos e devido à qual são vítimas de preconceito linguístico.

Paralela e posteriormente ao Projeto Acomodação, outras pesquisas vêm sendo desenvolvidas no VARIEM sobre a Amostra 2 e em novas amostras, com vistas a ampliar o conjunto de variáveis analisadas, colocar à prova as generalizações propostas acima e expandir a compreensão que se tem sobre a fala de migrantes.

Nesse sentido, Barbosa (2022) analisou, a partir dos dados da Amostra 2, a realização de /s/ em coda, como em *mesmo* e *mas*, em suas quatro variantes: a alveolar [s], a palatal [ʃ], a aspirada [h] e o zero fonético Ø, com o objetivo de comparar os resultados aos demais do Projeto Acomodação e aprofundar a investigação sobre as três variáveis estratificadoras da Amostra 2. De um total de 6.512 ocorrências de /s/ em coda,

observaram-se 76% de alveolar, 11,6% de palatal, 10,1% de zero fonético e 2,3% de aspirada. Para viabilizar análises de regressão logística, dividiram-se as variantes em três processos fonéticos/fonológicos: (i) a palatalização ([s] vs. [ʃ]); (ii) o apagamento ([s], [ʃ] e [h] vs. zero fonético); e (iii) a aspiração ([s] e [ʃ] vs. [h]).

Na análise sobre o processo de palatalização, observaram-se correlações com as variáveis sociais Idade de Migração e Tempo de Residência: favorecem a realização alveolar de /s/ em coda aqueles que migraram mais cedo e aqueles que residem em Campinas há maior período de tempo. Simultaneamente, não houve correlação com o Gênero do falante. Quanto ao apagamento de /s/, verificaram-se correlação com Idade de Migração (quanto mais cedo migrou, menor a tendência ao apagamento) e falta de correlação com Tempo de Residência, diferentemente do observado para o processo de palatalização. Por sua vez, o Gênero demonstrou correlação com o apagamento de /s/, que não foi observada para a palatalização, mas havia sido observada para as variáveis diferenciadoras dos falares urbano e rural do Projeto Acomodação—/t/ e /d/ antes de [i] e concordância nominal. Por fim, ao contrário dos demais processos que seguiram padrões esperados, a aspiração não demonstrou correlação com nenhuma das variáveis estratificadoras da amostra; houve, contudo, uma forte correlação com o Índice Socioeconômico: quanto maior o índice, menor o uso da variante aspirada.

Uma correlação significativa com o Índice Socioeconômico dos falantes também foi observada no estudo preliminar de Oushiro (2022) sobre a variação em pausas preenchidas ([ɛ::] vs. [a::, ɐ̃::]) na fala dos migrantes da Amostra 2. Trata-se, neste caso, de variável que parece estar abaixo da consciência dos falantes, mas evidências anedóticas[14] apontam para a tendência de paulistanos à realização relativamente mais centralizada [-baixo, -anterior] de segmentos hesitativos. Os resultados de Oushiro (2022) indicam que as variantes centralizadas [a::, ɐ̃::] são em geral pouco frequentes na fala de alagoanos, paraibanos e paulistanos, mas com diferenças significativas: 2,3% para alagoanos/paraibanos e 18,2% para paulistanos. Os migrantes, de modo semelhante ao verificado por Oushiro (2020b), apresentam-se em posição intermediária, com 7,8% de pausas preenchidas centralizadas.

As análises de regressão linear sobre as medidas acústicas de F1 e F2 (Bark) mostram que, entre paulistanos, os falantes de classe média alta tendem a realizar pausas preenchidas menos altas em comparação com os falantes de classes mais baixas, e os homens tendem a produzir pausas menos anteriores do que as mulheres; entre os migrantes, os homens tendem a realizar pausas preenchidas mais altas e menos anteriores do que as mulheres, e migrantes de classe média também se aproximam do padrão paulista, sobretudo em F2. Similarmente ao estudo de Barbosa (2022) quanto à aspiração de /s/, não se verificou correlação com a Idade de Migração nem com Tempo de Residência, ainda que se trate de uma variável fonética.

Buscando determinar se a prosódia também é suscetível aos efeitos do contato dialetal, Silveira (2022a, 2022b) estudou a prosódia dos 22 alagoanos da Amostra 2, comparada à de nove campineiros nativos (Mourão, 2018). Para tanto, baseou-se em métodos instrumentais da fonética acústica (Barbosa, 2022) e em ferramentas computacionais que tornaram possível extrair uma grande quantidade de dados[15] referente a oito parâmetros acústicos acerca do ritmo — taxa de elocução, duração de grupos

[14] A pesquisadora Joana Figuereido foi quem primeiro chamou a atenção de Livia Oushiro a esse traço fonético. O comediante Marcelo Adnet parece corroborar a percepção de Figuereido em sua imitação de tipos paulistanos, quando emprega variantes centralizadas para representar aquilo que chama de "nasalês". Ver vídeo disponível no YouTube (Alves, 2009).

[15] Silveira (2022b) desenvolveu o programa Treina-PB para automatizar a seleção e segmentação fonética de enunciados das entrevistas sociolinguísticas.

acentuais,[16] taxa de picos de duração silábica, métricas VarcoC, VarcoV, nPVI-C, nPVI-V,[17] e grau de correlação entre duração de grupo acentual e número de sílabas — e nove acerca da melodia — desvio padrão de f0 e de picos de f0, largura de picos de f0, taxa de picos de f0, desvio padrão de intervalo entre picos adjacentes de f0, e média e desvio padrão das taxas positivas e negativas de mudança de f0.

Silveira (2022a) observou diferença significativa entre os migrantes alagoanos e os campineiros em oito dos 17 parâmetros acústicos analisados. Com valores maiores do que os campineiros nas métricas VarcoV e VarcoC (Dellwo, 2006) e em seis parâmetros relativos ao grau de variação da f0 (o desvio padrão da f0 e de picos da f0, e a média e o desvio padrão das taxas de mudança positivas e negativas da f0), os migrantes tendem a um ritmo mais acentual e a uma entoação mais dinâmica. Em modelos de regressão linear, a Idade de Migração se correlacionou com esses mesmos seis parâmetros de f0, mas apenas na fala dos migrantes homens: aqueles que migraram mais jovens para São Paulo se encontram mais próximos dos campineiros quanto a essas variáveis (Silveira, 2022b). Por outro lado, no ritmo da fala, observou-se apenas um fraco efeito da Idade de Migração sobre VarcoV no sentido esperado: os migrantes que chegaram mais novos tendem a apresentar coeficientes rítmicos mais similares aos dos campineiros. Por fim, chama atenção no estudo de Silveira (2022a, 2022b) o fato de o Tempo de Residência em Campinas não ter se correlacionado com nenhuma das variáveis prosódicas examinadas.

Ao lado das pesquisas sobre variação fonética e prosódica, outros trabalhos do VARIEM se dedicaram a analisar padrões em variáveis morfossintáticas. Considerando que o uso variável do imperativo com morfologia de subjuntivo (p. ex., *Traga o carro!*) ou indicativo (p. ex., *Traz o carro!*) é um traço morfossintático que diferencia o dialeto paulista do dialeto baiano (Oliveira, 2017), Souza (2019) analisou se há diferença entre baianos residentes em São Paulo e baianos não-migrantes quanto a essa variável, em correlação com previsores sociais e linguísticos. Para tanto, aplicou um questionário *on-line* a 41 baianos residentes na Bahia e 34 em São Paulo, recrutados através de mídias sociais.

Na distribuição geral, os migrantes em São Paulo empregam a forma indicativa relativamente mais (34%) do que os baianos não-migrantes (23%). As análises de regressão logística de efeitos mistos sugerem que o aumento do uso do imperativo com morfologia de indicativo por migrantes baianos em São Paulo ocorre na fala de migrantes que têm até o nível médio em relação aos que possuem o nível universitário; que chegaram mais tardiamente à comunidade anfitriã (22–35 anos), em comparação aos que chegaram entre 13–21 anos; em relações sociais assimétricas em comparação às simétricas; e por quem está em São Paulo há menos tempo (0–7 anos), em relação a quem está há mais tempo (8+ anos). Já a análise das variáveis linguísticas indica que a realização da forma indicativa por migrantes baianos em São Paulo tende a ocorrer em contextos pragmáticos nos quais os falantes têm a intenção comunicativa de pedir e de ordenar, em contraposição a instruir e a aconselhar; em demandas a ser realizadas em situações imediatas em comparação a não imediatas; e em frases afirmativas em relação a negativas.

[16] No português brasileiro, o grupo acentual abarca uma ou mais sílabas não proeminentes, em nível supralexical, seguidas de uma sílaba proeminente que termina o grupo (Barbosa, 2019).

[17] O Coeficiente de Variação (Dellwo, 2006) indica a variação global de um enunciado na duração das consoantes (VarcoC) ou das vogais (VarcoV) relativa à duração média desses segmentos no enunciado. O Índice de Variabilidade em Pares (Grabe e Low, 2002), por sua vez, computa a variação local na duração de pares de consoantes (PVI-C) ou vogais (PVI-V) adjacentes. Sua versão normalizada (nPVI) busca atenuar efeitos de taxa de elocução.

O papel de variáveis linguísticas sobre a acomodação dialetal foi especialmente analisado no estudo de Guedes (2019) sobre a variação entre presença e ausência de artigo definido antes de possessivos (p. ex., *a minha mãe* vs. *minha mãe*). Seu *corpus* de análise, do qual se geraram 2.230 ocorrências, é composto de oito paraibanos da Amostra 1, 12 paraibanos do VALPB e 12 paulistanos do SP2010, balanceados por Gênero, Faixa Etária e Escolaridade. As proporções gerais de emprego de artigo definido foram de 42% na fala de paraibanos não-migrantes, 51% na fala dos paraibanos migrantes e 54% na fala de paulistanos, sendo significativas essas diferenças. Guedes (2019) não verificou correlações com as variáveis sociais, exceto com Gênero dos falantes na amostra paulistana (os homens desfavorecem a presença de artigo definido antes de possessivos). A autora sugere que o aumento na taxa de emprego do artigo definido em sua amostra se relaciona com a rede de contatos dos migrantes, já que dois indivíduos que migraram há menos de cinco anos e que empregam a variante paulista frequentemente — ArnaldoR (81%) e MicheleL (57%) — têm relacionamentos afetivos com paulistas e amigos de convívio próximo não nordestinos.

Por outro lado, quanto às variáveis previsoras linguísticas, Guedes (2019) demonstra que as regras variáveis para o uso de artigo definido antes de possessivos são diferentes entre paraibanos e paulistanos. Por exemplo, em relação à Função Sintática do sintagma nominal, enquanto os paraibanos favorecem o artigo em objetos indiretos (p. ex., *consegui passar isso pros meus filhos*) em relação a adjuntos adverbiais (p. ex., *estudei minha vida inteira no colégio*), não há diferença significativa entre esses níveis para paulistanos. Interessantemente, em quatro de cinco casos em que as regras variáveis diferem entre paraibanos e paulistanos, os migrantes reproduzem o padrão paulistano. Em análise subsequente em modelos arbóreos de inferência condicional, Oushiro e Guedes (2019) demonstram que a hierarquia de restrições quanto às variáveis linguísticas — ou seja, a ordem de força de correlação com as variáveis previsoras — é mais semelhante entre migrantes e paulistanos (para quem as principais variáveis linguísticas são Tipo de Preposição > Gênero do Possessivo > Pessoa do Possessivo) do que para os paraibanos (para quem as principais variáveis linguísticas são Tipo de Preposição > Semântica do NP).

Esses resultados indicam que, além de aumentarem a taxa de emprego de uma variante, os migrantes adquiriram regras abstratas que organizam o emprego da variante da comunidade de destino. Isso abre um importante debate teórico sobre o conhecimento internalizado da gramática das comunidades de fala e o que é adquirido no processo de acomodação dialetal – frequência de uso ou regras gramaticais.

O Quadro 1 resume os resultados das análises de correlação com variáveis fonéticas (segmentais e prosódicas) e morfossintáticas quanto a variáveis previsoras de natureza social. Nesse quadro, deve-se considerar que os resultados mais robustos são aqueles para as variáveis Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência, que foram controladas na Amostra 2. As variáveis Faixa Etária/Idade e Escolaridade, controladas na Amostra 1, não foram testadas (NA) em grande parte dos trabalhos, assim como o Índice Socioeconômico, de modo que tais resultados devem ser lidos de modo exploratório.

O Gênero dos falantes se mostrou correlacionado com as variáveis /t, d/ antes de [i], apagamento de /s/, pausas preenchidas, seis parâmetros prosódicos e a concordância nominal. A generalização proposta em Oushiro (2020a) sobre a relação entre Gênero e variáveis diferenciadoras do *continuum* rural-urbano se sustenta no resultado de Barbosa (2022) sobre apagamento de /s/, mas não quanto às pausas preenchidas (Oushiro, 2022) e os parâmetros prosódicos (Silveira, 2022a), que não parecem indiciar dialetos rurais vs. urbanos. Novos estudos sobre o papel de Gênero sobre a aquisição dialetal podem elucidar os padrões observados até o momento.

Quadro 1: Síntese dos resultados de correlação entre as variáveis sociolinguísticas e variáveis sociais em pesquisas do Laboratório VARIEM

	Fonéticas									Morfossintáticas			
	(e) pretônico F1 (Hz)	(o) pretônico F1 (Hz)	(-r) [h] vs. [ɾ, ɻ]	(td) [t, d] vs. [t͡ʃ, d͡ʒ]	(-s) [ʃ] vs. [s]	(-s) ∅ vs. [s, ʃ, h]	(-s) [h] vs. [ʃ, s]	Pausas preenchidas [ɛ] vs. [a, ɐ̃] F1 e F2 (Hz)	Parâmetros prosódicos*	(ART) ausência vs. presença	(IMP) morf. subj. vs. morf. ind.	(NEG) neg2/neg3 vs. neg1	(CN) CN∅ vs. CN padrão
	Oushiro (2019a, 2019b)		Oushiro (2020a, 2020b)		Barbosa (2022)			Oushiro (2022)	Silveira (2022a, 2022b)	Guedes (2019)	Souza (2019)	Oushiro (2020a, 2020b)	
Gênero	–	–	–	✓	–	✓	–	✓	✓*	–	NA	–	✓
Faixa Etária/Idade	–	–	–	✓	NA	NA	NA	–	NA	NA	NA	✓	✓
Escolaridade	–	–	✓	–	NA	NA	NA	NA	NA	–	✓	✓	✓
Idade de Migração	✓	✓	✓	✓	✓	✓	–	–	✓*	–	✓	–	–
Tempo em SP	–	–	✓	–	✓	–	–	–	–	–	✓	–	–
Índice socioeconômico	–	–	NA	NA	–	–	✓	✓	NA	NA	NA	NA	NA

*Parâmetros prosódicos: desvio padrão da f0 e de picos da f0, média e desvio padrão das taxas de mudança positivas e negativas da f0, em interação com gênero do falante.
✓ correlação significativa; – ausência de correlação; NA variável não testada no estudo.
Fonte: Elaboração própria, 2023.

A Idade de Migração demonstra correlação com seis de oito das variáveis fonéticas segmentais, sendo as exceções a aspiração de /s/ (Barbosa, 2022) e as pausas preenchidas (Oushiro, 2022). Trata-se de duas variáveis que apresentam variantes pouco frequentes (respectivamente, a variante [h] e as vogais mais centralizadas [a::, ɐ̃::]) e correlação com o Índice Socioeconômico dos falantes — sendo esta a variável social mais pertinente para previsão dos padrões de uso. De todo modo, há fortes indícios de que a Idade de Migração é determinante para a aquisição de traços linguísticos no nível fonético, diferentemente do que se observa para variáveis morfossintáticas.

O Tempo de Residência no estado de São Paulo apresenta poucas correlações significativas, sobretudo quando analisada na Amostra 2, em que também se controlou o efeito simultâneo de Idade de Migração. Tal é o caso das análises sobre /r/ em coda e palatalização de /s/ em coda. Essas variáveis compartilham o fato de serem segmentais, de natureza consonantal e terem múltiplas variantes, além de parecerem estar acima da consciência dos falantes.

Esses resultados, em conjunto, podem nortear o estabelecimento de novas hipóteses dentro de uma agenda de estudos mais ampla, que se delineia a seguir.

3. NOVAS QUESTÕES: UMA AGENDA DE PESQUISA PARA O CONTATO DIALETAL

Os estudos aqui reportados permitem entrever avanços substanciais no entendimento dos processos que ocorrem na fala de populações móveis e em situação de contato dialetal. Entretanto, ainda há várias lacunas que se apresentam tanto pelas questões levantadas pelos estudos prévios quanto pela simples falta de pesquisas sobre a fala de migrantes.

O conjunto de variáveis sociolinguísticas analisadas, em nível segmental, prosódico e morfossintático, certamente não esgota as variáveis diferenciadoras de dialetos regionais e sociais descritas em estudos sociolinguísticos e dialetológicos. Em especial, faltam trabalhos sobre a aquisição dialetal de variáveis lexicais, prosódicas e para além do nível morfossintático (discursivas, pragmáticas). A escolha de variáveis a ser analisadas certamente depende dos grupos em contato e dos traços linguísticos que diferenciam os dialetos, uma vez que possíveis mudanças na fala do migrante podem ser medidas mais propriamente quando há expectativas plausíveis de que seu dialeto de origem difere do dialeto da comunidade de destino. A ampliação do conjunto de variáveis permitirá refinar uma tipologia de traços linguísticos quanto a diferentes características: (i) o nível de análise: fonético, fonológico, morfológico etc.; (ii) a saliência: indicadores, marcadores, estereótipos; (iii) o *continuum* rural-urbano; (iv) diferenças Norte-Sul; (v) diferenças socioeconômicas, entre outras. Para definir tal tipologia, cabe mapear as correlações de cada variável sociolinguística com previsores sociais e linguísticos.

Ao mesmo tempo, é necessário expandir o rol de comunidades e falantes em contato analisados. Na Sociolinguística brasileira, a maioria dos estudos sobre contato dialetal se concentra sobre a fala de migrantes nordestinos (baianos, paraibanos, alagoanos, entre outros) que se deslocaram para comunidades do Sudeste (estados de São Paulo e Rio de Janeiro) e do centro-oeste (sobretudo Brasília), ou de migrantes da zona rural para comunidades urbanas.[18] Faltam estudos sobre deslocamentos a outras regiões (mas ver, p. ex., Silva, 2016; Marques e Almeida, 2020), sobre migrações de retorno (mas ver Oliveira, 2022), migrações temporárias (mas ver Ferraz, 2022), deslocamentos de curta distância

[18] Ver Oushiro (2023, no prelo) para uma revisão mais detalhada.

(mas ver, p. ex., Ribeiro, 2019; Siqueira, 2020) e sobre situações de contato entre variedades transnacionais (mas ver, p. ex., Marques, 2006; Silva e Lucena, 2015).

Quanto ao efeito de variáveis sociais, a maior parte dos estudos sobre contato dialetal no Brasil se debruça sobre previsores já amplamente estudados — como o Gênero, Faixa Etária e Escolaridade do falante — e sobre Idade de Migração e Tempo de Residência. Entretanto, os resultados de estudos até o momento sugerem a importância de outras variáveis sociais cujos efeitos ainda não foram testados de modo sistemático. Alves (1979), por exemplo, em pesquisa sobre atitudes linguísticas de migrantes baianos e pernambucanos na cidade de São Paulo, reporta que os migrantes de "nível socioeconômico baixo" sofrem mais preconceito linguístico e demonstram atitudes mais favoráveis à variedade paulista em comparação com migrantes de "nível socioeconômico alto". Esse resultado conduz a pesquisadora à hipótese de que os primeiros têm maior probabilidade de se acomodar linguisticamente, como modo de se "camuflar" na nova comunidade. Análises mais aprofundadas sobre o papel da classe social do migrante (e, conjuntamente, sobre suas motivações para migração: estudar, trabalhar, acompanhar a família etc.) ainda estão por se realizar.

Os trabalhos pioneiros de Bortoni-Ricardo (1985) e Rodrigues (1987), sobre a fala de migrantes rurais em comunidades urbanas — respectivamente, Brasília e São Paulo — , apontam para o papel da rede social do migrante na nova comunidade para a aquisição de traços urbanos. Guedes (2019), em seu trabalho sobre a presença de artigo definido diante de possessivos na fala de paraibanos em São Paulo, também sugere o papel dos laços de primeira ordem (como esposo(a), amigo(a)) para acomodação a esse traço linguístico. Contudo, outros estudos, como o de Santana e Mendes (2019), sobre a realização de vogais médias pretônicas por sergipanos residentes em São Paulo, não verificaram correlação com o tipo de rede social do migrante. Novos estudos são necessários para desembaraçar o papel da rede do migrante na aquisição de diferentes traços linguísticos da comunidade anfitriã.

Outras variáveis sociais ainda não suficientemente exploradas nos estudos sobre contato dialetal incluem o efeito de variáveis estilísticas, como a situação interacional, o interlocutor e o tópico da fala. O papel de atitudes e identidades também carece de análises mais aprofundadas, já que os trabalhos até o momento tendem a lançar mão de argumentos *ad hoc*, por meio da seleção de trechos do discurso dos participantes (Oushiro, 2023). Nesses excertos, encontram-se explicações para a manutenção de traços da comunidade de origem pela valorização de sua identidade, mas, para que funcionem como variável previsora, seria necessário encontrar dados de atitudes negativas relacionadas à rejeição desses mesmos traços linguísticos.

Além de variáveis sociais, o efeito de variáveis previsoras linguísticas também merece ser mais bem investigado. O estudo de Guedes (2019) demonstra que paraibanos e paulistanos não migrantes têm diferentes regras variáveis para o emprego do artigo definido antes de possessivos, e que os migrantes paraibanos em São Paulo não só aumentam sua taxa de emprego do artigo definido, como também adquirem as regras variáveis abstratas da nova comunidade. O contraste entre diferentes padrões de encaixamento linguístico para variáveis existentes em mais de um dialeto — como apagamento de /r/ em coda, apagamento de /s/ em coda, concordância nominal, concordância verbal etc. — abre uma seara frutífera de novas investigações e sobre o que exatamente é adquirido pelos migrantes: variantes ou regras variáveis (Oushiro e Guedes, 2019)?

Estudos longitudinais e de mudança em tempo real, que têm sido realizados sobre a fala de indivíduos não migrantes (ver, p. ex., Paiva e Duarte, 2003), ainda são raros nos estudos de contato dialetal. Uma exceção é a pesquisa de Collet (2020), que descreve a variação de /r/ em coda e de /t, d/ antes de [i] na fala de uma mulher do interior paulista em

gravações que abrangem um período de 16 anos, no qual a falante se mudou para São Paulo-SP, Florianópolis-SC e Porto Alegre-RS. O estudo mostra que as taxas de realização de variantes específicas podem oscilar amplamente ao longo da vida e que as mudanças na fala individual nem sempre são unidirecionais, uma vez que, embora as taxas de /t, d/ oclusivas tenham diminuído, as taxas de /r/ retroflexo diminuem, mas aumentam em período posterior da vida dessa pessoa. Novos estudos sobre mudança em tempo real na fala de migrantes certamente trarão mais subsídios acerca da estabilidade de padrões linguísticos na fala adulta, uma questão cara a diversas áreas dos estudos linguísticos.

Outra lacuna em estudos sobre contato dialetal diz respeito às avaliações e percepções dos migrantes sobre as variantes, variáveis e variedades em contato. De modo semelhante ao que se vem realizando sobre a fala de não migrantes, interessa investigar em que medida certas variantes linguísticas são percebidas pelos falantes e quais avaliações e significados sociais lhes são atribuídos, de modo consciente e inconsciente. Vale notar que os significados sociais — como "culto", "nordeste", "correto/errado", "feio", "engraçado", "malandro", "rural" etc. — atribuídos às variantes e variedades não necessariamente coincidem entre comunidades e entre indivíduos, já que as avaliações e percepções são tão variáveis quanto a produção linguística, de modo que se deve questionar se os julgamentos da população migrante são semelhantes aos da população da comunidade de destino.

A depreensão de avaliações e percepções dos migrantes também pode ser realizada mais aprofundadamente em abordagens etnográficas e em comunidades de práticas, que busquem a imersão do pesquisador no cotidiano dos grupos sociais investigados, a partir da perspectiva da Terceira Onda (Eckert, 2012). Tais incursões têm o potencial de identificar categorias localmente relevantes, o papel das práticas sociais nos usos linguísticos e a dinâmica de relações interpessoais na variação estilística.

Metodologicamente, ainda, é necessário expandir não só o tipo de abordagem aos falantes, mas também as ferramentas de análise dos dados coletados. Em especial, a situação de "*double foreignness*" (Siegel, 2010) em que se encontram os migrantes, não mais prototípicos da comunidade de origem e tampouco da comunidade de destino, conduz à expectativa de que seus padrões linguísticos, se modificados, não serão alterados diretamente de uma variante "x" para uma variante "y", mas possivelmente passem por graus intermediários.

Por exemplo, um alagoano que passe a residir em Campinas pode começar a produzir vogais médias pretônicas /e/ (como em "relógio") não mais como [ɛ] e tampouco como [e], mas sim formas intermediárias com medidas de F1 relativamente mais baixas do que a dos conterrâneos e relativamente mais altas do que a de paulistas (ver Oushiro, 2019b). A análise de variáveis contínuas, sobretudo quando se trata de variáveis fonéticas, permitirá captar tal gradação. Ao mesmo tempo, medidas estatísticas como R^2 marginal e R^2 condicional, que mensuram a variância explicada por diferentes variáveis previsoras e empregadas na análise de Silveira (2022a), são fundamentais para investigar a ampla variabilidade idioletal que se observa na fala de migrantes.

Para além do deslocamento geográfico, pode-se questionar se o contato dialetal proporcionado por novos meios de comunicação e novas mídias também têm impacto sobre os padrões linguísticos de indivíduos e comunidades de fala (ver, p.ex., Tagliamonte, 2014). De modo semelhante, há que se levar em conta que mesmo indivíduos não migrantes podem experienciar contato dialetal cotidianamente, em seu deslocamento ao trabalho, escola, supermercado etc. (Britain, 2013), sobretudo se se considera não apenas a variação diatópica, mas também a variação diastrática.

Por fim, dentro de uma agenda de estudos mais ampla, interessará examinar processos de variação e mudança não apenas na fala dos indivíduos migrantes, mas

também seu impacto sobre a fala das comunidades em contato. Em análise da fala de paulistanos nativos, Oushiro (2015) verificou uma mudança em tempo aparente em direção à realização retroflexa de /r/ em coda (por oposição ao tepe) na fala de moradores da periferia, e que os falantes que mais favoreciam o retroflexo eram os paulistanos filhos de migrantes nordestinos — até mais do que filhos de migrantes do interior de São Paulo, sul de Minas Gerais e norte do Paraná, regiões em que predomina o /r/ caipira. Assim como o contato linguístico conduz à mudança linguística, também o contato dialetal pode ter impactos duradouros sobre as variedades. Dentro desse tópico, ainda pouco se sabe como se dá a transmissão geracional de traços dialetais e o papel dos filhos dos migrantes na propagação da mudança linguística; como se implementam processos de nivelamento, realocação e focalização (Dodsworth, 2017; Bortoni-Ricardo *et al*, 2010); e o papel de diferentes grupos migrantes na formação de novos dialetos (Kerswill, 1994).

Algumas das questões acima levantadas têm sido investigadas em novas pesquisas em andamento no Laboratório VARIEM. A pesquisa de Massuci (2022) se volta à composição de uma nova amostra com migrantes maranhenses, cearenses e piauienses residentes na Região Metropolitana de Campinas, o que expande o *corpus* do Projeto Acomodação. A análise se debruça sobre gravações com 17 falantes do sexo feminino que migraram há mais de 10 anos e objetiva, além de continuar testando o efeito das variáveis Idade de Migração e Tempo de Residência, desenvolver análises mais detalhadas sobre questões relacionadas ao gênero das participantes, como sua ocupação e o motivo de migração.

A pesquisa de Souza (2023) trata das adaptações linguísticas de baianos residentes na cidade de São Paulo, o maior grupo migrante na capital paulista. Por meio de um mapeamento detalhado da rede social (Milroy, 1987 [1980]) de 50 participantes que compõem sua amostra, Souza analisa (i) como se dá o encaixamento de múltiplas variáveis sociolinguísticas na fala desses migrantes; (ii) se variáveis sociolinguísticas de distintas naturezas (lexical: *mexerica* vs. *tangerina*; *mandioca* vs. *aipim*; *marmita* vs. *quentinha*; *serviço* vs. *trabalho*; fonético-fonológica: /r/ em coda; e morfossintática: negação sentencial) passam pelo mesmo processo de adaptação; e (iii) se há correlação entre o uso das variáveis sociolinguísticas e a densidade de comunicação dos migrantes entre si e com os membros da comunidade anfitriã.

Ferraz (2022), por sua vez, também analisa a fala de migrantes baianos, mas em Palmares Paulista-SP, polo agrícola em que é comum o deslocamento de trabalhadores na época em que as indústrias contratam mão de obra para o período de trabalho nas plantações de cana-de-açúcar, limão e laranja. Comumente sem intenção de permanecer em São Paulo, esses trabalhadores voltam a suas cidades de origem nas entressafras, de modo cíclico ao longo dos anos. Assim, tendo em vista as particularidades desse tipo de movimento migratório e o *status* em princípio estigmatizado do português "caipira", Ferraz (2022) investiga, por meio de incursões etnográficas, o papel das redes sociais (Milroy, 1987 [1980]) dos participantes e de suas avaliações e atitudes (Dragojevic, 2017; Oushiro, 2021) ao português do noroeste paulista sobre seus graus de acomodação (ou não) à pronúncia caipira de /r/ em coda e ao não apagamento desse segmento.

A investigação da dinâmica da migração de retorno de alagoanos que estabeleceram residência no estado de São Paulo por ao menos um ano, mas que voltaram a viver em Alagoas, é objeto de estudo da pesquisa de Oliveira (2022). Para tanto, foram entrevistados 32 alagoanos que retornaram ao estado depois de passar pela experiência de migração, balanceados quanto ao Gênero, Tempo de Residência em São Paulo e o Tempo de Retorno. Nessas entrevistas se analisam cinco variáveis: a palatalização das oclusivas alveolares [tia] ~ [tʃia]; a despalatalização da fricativa alveolar [paʃta] ~ [pasta]; a retroflexitização da fricativa glotal [pohta] ~ [poɻta]; e a altura de vogais médias

pretônicas [metadɪ] ~ [mɛtadɪ], [morenʊ] ~ [mɔrenʊ]. Além disso, se analisam qualitativamente a densidade e o tipo de relações que o falante mantém com sua rede social com alagoanos ou paulistas, as pretensões de retorno, a qualidade da experiência (se positiva ou negativa) e a possível melhoria na qualidade de vida.

A pesquisa de Zhu (2022) trata da complexa situação de contato na comunidade chinesa em São Paulo. Esses imigrantes são diversos em regiões de origem, o que leva a uma diversidade não só linguística, mas também dialetal. Por meio de observação participante e gravação de entrevistas sociolinguísticas, Zhu (2022) objetiva descrever a situação multilíngue e multidialetal da comunidade imigrante chinesa observando quais línguas ou dialetos os membros dessa comunidade empregam em diferentes domínios (em situações com colegas de trabalho, familiares, amigos etc.), tendo em vista, ainda, a possibilidade de *language shift*; e analisar, na fala dos membros da comunidade, interferências de natureza fônica, gramatical e lexical do chinês sobre o português.

Por fim, o Projeto "Coesão e Dispersão: Análise sociofonética da variação idioletal em situação de contato entre dialetos" (Oushiro, 2023b; FAPESP 2023/00968-7) se volta à análise acústica e do detalhe fonético (Thomas, 2013) das gravações das Amostras 1 e 2, com o objetivo de comparar a dispersão dos padrões linguísticos dos migrantes com a de falantes não migrantes das comunidades de origem (localidades interioranas da Paraíba e Alagoas) e de destino (regiões metropolitanas de São Paulo e de Campinas), assim como os padrões de coesão dialetal nos usos de múltiplas variantes diferenciadoras dos dialetos.

4. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos sociolinguísticos, ao privilegiar o exame da fala de nativos de uma comunidade, não têm se atentado aos falantes em seus contextos sociais. Sendo antes a regra do que a exceção, a mobilidade geográfica e social precisa ser definitivamente incorporada à agenda de estudos da área.

Já existem claras evidências de que os padrões sociolinguísticos são passíveis de mudança ao longo da vida, seja no repertório de variantes empregadas pelo indivíduo, seja nas taxas de uso de determinadas variantes, seja ainda em suas regras variáveis mais abstratas. Por outro lado, também já existem evidências de que o encaixamento social não é o mesmo para variáveis de diferentes naturezas — fonéticas vs. morfossintáticas, mais salientes vs. menos salientes, diferenciadoras de dialetos regionais. Nesse sentido, para além de um objetivo descritivo, a agenda de estudos sobre a fala de migrantes deve se ocupar da busca por padrões regulares e generalizações.

Dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Laboratório VARIEM, tem-se observado que a fala de migrantes homens e mulheres difere principalmente quanto a variáveis diferenciadoras do *continuum* rural-urbano, mas não quanto a traços diferenciadores dos dialetos do Nordeste e do Sudeste. As variáveis fonéticas se mostraram correlacionadas com a Idade de Migração do falante, exceto pela aspiração de /s/ e as pausas preenchidas, que têm variantes pouco frequentes e fortemente condicionadas pela classe social dos falantes. As variáveis morfossintáticas, de modo geral, não se correlacionam com a Idade de Migração, à exceção do imperativo. O Tempo de Residência em São Paulo, comparativamente à Idade de Migração, apresenta um número menor de correlações; em estudos baseados na Amostra 2 do Projeto Acomodação, em que essas duas variáveis foram controladas, o Tempo de Residência se mostrou correlacionado apenas com a pronúncia de /r/ em coda e a palatalização de /s/ em coda, duas variáveis salientes de acordo com o discurso dos migrantes. Junto aos

resultados descritivos e interpretativos, o Laboratório VARIEM tem apresentado inovações teóricas e metodológicas no tratamento dos dados (Oushiro, 2019b; Silveira, 2022a, 2022b).

Com base nesses resultados, novas pesquisas têm sido planejadas e desenvolvidas dentro do Laboratório VARIEM. Conforme se buscou argumentar neste artigo, ainda restam várias frentes de expansão dentro do tópico de contato dialetal. Recomenda-se que estudos futuros tenham especial preocupação com o papel dos indivíduos e com o controle de características sociodemográficas dos participantes, já que parece haver maior dispersão nos padrões da fala de migrantes do que na fala de nativos. Não obstante o grande número de variáveis que pode influenciar os padrões de mudança na fala de migrantes, a metodologia de análise variacionista, com a consideração do efeito simultâneo de múltiplas variáveis, é especialmente adequada para dar conta desse complexo fenômeno.

Espera-se, por fim, que este artigo promova o desenvolvimento de novas pesquisas sobre a fala de migrantes também em outros grupos de pesquisa. Tais estudos podem contribuir para generalizações acerca da estabilidade da fala adulta, o conhecimento do falante sobre sua gramática e processos de variação e mudança de longo prazo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Isolete P. M. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo (Abordagem prévia)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1979.

ALVES, Pannus. Programa do Jo Marcelo Adnet faz tipos paulistanos. YouTube, 24 jul. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vp0pMLsTSk0&t=201s>. Acesso em 8 abr., 2023.

BARBOSA, Plinio A. *Manual de prosódia experimental*. Campinas: Editora da Abralin, 2022.

BARBOSA, Sarah P. *Análise do /s/ em coda na fala de migrantes alagoanos e paraibanos em Campinas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2022.

BORTONI-RICARDO, Stella M. *The urbanization of rural dialect speakers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BORTONI-RICARDO, Stella M.; VELLASCO, Ana Maria M. S.; FREITAS, Vera A. L. (eds). *O falar candango: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais.* Brasília: Editora UnB, 2010.

BRITAIN, David. Space, diffusion, and mobility. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (orgs.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013. p. 471–500.

CHAMBERS, Jack K. Dialect acquisition. *Language*, v. 68, n. 4, p. 673-705, 1992.

COLLET, Vanessa A. *Variação linguística ao longo da vida em situação de contato dialetal: a variação do rótico em coda e das oclusivas dentais em ataque*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Humanidades, PUC-RS, Porto Alegre, 2020.

DELLWO, Volker. Rhythm and Speech Rate: A Variation Coefficient for deltaC. In: KARNOWSKI, P.; SZIGETI, I., (eds.) *Language and language-processing: Proceedings of the 38th Linguistics Colloquium*, Piliscsaba 2003. Linguistik International (15). Peter Lang Publishing Group, Frankfurt am Main, Germany, jan. 2006. p. 231–241.

DODSWORTH, Robin. Migration and dialect contact. *Annual Review of Linguistics*, v. 3, p. 331-346, 2017.

DRAGOJEVIC, Marko. Language attitudes. In: GILES, H.; HARWOOD, J. *Oxford Research Encyclopedia of Intergroup Communication*. New York: Oxford University Press, 2017.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 87–100, 2012.

FERRAZ, Leonardo. *A acomodação dialetal na fala de migrantes baianos em Palmares Paulista.* Campinas: UNICAMP, 2022. Ms. Projeto de Mestrado.

GUEDES, Shirley. Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal: um estudo da fala de migrantes paraibanos em São Paulo. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 13, n. 4, p. 1401-1432, 2019.

HORA, Dermeval da. *Projeto Variação Linguística no Brasil.* João Pessoa: Idéia, 2005.

KERSWILL, Paul. *Dialects converging: Rural speech in urban Norway.* Oxford: Oxford University Press, 1994.

LOBANOV, B. M. Classification of Russian vowels spoken by different speakers. *The Journal of the Acoustical Society of America*, v. 49, n. 2, p. 606-608, 1971.

MARQUES, Maria José B.; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel M. Metodologia de estudos do contato linguístico do norte do Mato Grosso. *Porto das Letras*, v. 6, n. 3, p. 172-193, 2020.

MARQUES, Sandra M. O. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal.* Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

MENDES, Ronald B.; OUSHIRO, Livia. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. *Alfa*, v. 56, n. 3, p. 973-1001, 2012.

MILROY, Lesley. *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell, 2. ed., 1987 [1980].

MOURÃO, Natasha R. *Mobilidade e difusão linguística no interior de São Paulo: uma análise de Campinas e Jundiaí.* Campinas: UNICAMP, 2018. Ms. Projeto de Mestrado.

OLIVEIRA, Alan J. *Projeto PORTAL: variação linguística no português alagoano*, 2017. Disponível em: <http://www.portuguesalagoano.com.br/>.

OLIVEIRA, Josane M. O imperativo gramatical nas capitais do Nordeste: análise sociolinguística de dados do ALiB. In: LOPES, N. da S.; OLIVEIRA, J. M. de (orgs.). *Estudos sobre o Português do Nordeste: língua, lugar e sociedade.* São Paulo: Blucher, 2017.

OLIVEIRA, Almir A. *Contato linguístico e dialetal: como falam os alagoanos que retornaram de São Paulo.* Campinas: UNICAMP, 2022. Ms. Projeto de Pós-Doutorado.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo.* Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

OUSHIRO, Livia. Questões e métodos: vogais médias pretônicas na fala de migrantes nordestinos em situação de contato dialetal. In: VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. (eds.) *Dimensões e experiências em Sociolinguística.* São Paulo: Blucher, 2019a. p. 157–187.

OUSHIRO, Livia. Linguistic uniformity in the speech of Brazilian internal migrants in a dialect contact situation. In: SASHA CALHOUN et al. *Proceedings of the 19th International Congress of Phonetic Sciences.* Melbourne, Australia: [s.n.], 2019b. p. 686–690.

OUSHIRO, Livia. Múltiplas variáveis na fala de nordestinos residentes em São Paulo. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (Ed.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados.* Porto Alegre: EDUPUCRS, 2020a. p. 121–153.

OUSHIRO, Livia. Contrasting Age of Arrival and Length of Residence in Dialect Contact. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 25, n. 2, p. 79–88, 2020b.

OUSHIRO, Livia. Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Estudos Linguísticos*, v. 50, n. 1, p. 318–336, 2021.

OUSHIRO, Livia. Non-lexical filled pauses in eh... Brazilian Portuguese dialectal contact. Stanford, California. Trabalho apresentado no NWAV50, 2022.

OUSHIRO, Livia. O estudo da fala de migrantes internos: desafios, procedimentos e resultados do Projeto Acomodação. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (Ed.). *Para o estudo comparativo de variedades do português: Questões teórico-metodológicas e análises de dados.* Mouton de Gruyter, 2023a. p. 171–196.

OUSHIRO, Livia. Dialect contact in lusophone communities. In: CARVALHO, A. M.; OUSHIRO, L. (Ed.). *The Oxford Handbook of the Portuguese Language.* Oxford: Oxford University Press, no prelo.

OUSHIRO, Livia. *Coesão e dispersão: análise sociofonética da variação idioletal em situação de contato entre dialetos.* Projeto Regular FAPESP (2023/00968-7). Ms. 2023b.

OUSHIRO, Livia; GUEDES, Shirley. Usage rates and variable rules: what changes in migrants' speech. Eugene, Oregon. Trabalho apresentado no NWAV48, 2019.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia L. (Eds.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PEREIRA, Regina C. M. *As vogais médias pretônicas na fala pessoense urbana.* Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1997.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. 2018–2022. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Disponível em: <http://www.R-project.org/>. Acesso em 10 nov., 2023.

RIBEIRO, Cristiane C. de S. *Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico: a variação entre as preposições em ni na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe.* Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

RODRIGUES, Angela C. S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo.* Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1987.

SANTANA, Amanda L.; MENDES, Ronald B. Sergipanos em São Paulo: redes sociais, contato dialetal e pronúncia variável de vogais médias pretônicas. *Linguíftica,* v. 15, n. 2, p. 54–85, 2019.

MASSUCI, Iris. *Acomodação dialetal na fala de migrantes maranhenses, cearenses e piauienses na Região Metropolitana de Campinas.* Campinas: UNICAMP, 2022. Ms. Projeto de Iniciação Científica CNPq/PIBIC.

SIEGEL, Jeff. *Second dialect acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

SILVA, Mikaylson R. da**.** *Contato dialetal: atitudes do falar paraibano em São Paulo.* Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.

SILVA, Paloma F. Q.; LUCENA, Rubens M. de. A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos na Paraíba. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 1, p. 431–468, 2015.

SILVEIRA, Gustavo C. P. *The prosody of speech in a dialect contact situation: a sociophonetic study of the speech of Alagoan migrants in São Paulo.* 2022a. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2022a.

SILVEIRA, Gustavo C. P. Fundamental frequency change rate and dialect contact. In: *Anais do Congresso Brasileiro de Prosódia,* v. 1, n. 2, 2022b.

SIQUEIRA, José M. *Variação no preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais: padrões dialetais e contato.* 2020. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2020.

SLOETJES, Han; WITTENBURG, Peter. Annotation by Category: ELAN and ISO DCR. In: *Proceedings of the Sixth International Conference on Language Resources and Evaluation* (LREC'08). Marrakech, Morocco: European Language Resources Association (ELRA), mai. 2008. Disponível em: <http://www.lrec-conf.org/proceedings/lrec2008/pdf/208_paper.pdf>. Acesso em 10 nov., 2023.

SOUZA, Emerson S. de. O uso variável do imperativo de migrantes baianos em São Paulo. *Domínios da Lingu@gem*, v. 13, n. 4, p. 1433–1464, 2019.

SOUZA, Emerson. S. de. *A plasticidade dialetal de migrantes baianos residentes em São Paulo/SP.* Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2023.

TAGLIAMONTE, Sali A. Situating media influence in sociolinguistic context. *Journal of Sociolinguistics***,** v. 18, n. 2. 2014.

THOMAS, Erik. Sociophonetics. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (orgs.). *The Handbook of Language Variation and Change.* Malden, MA: Wiley-Blackwell. p. 108–127.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: *International Congress of Romance Linguistics and Philology,* 21, 1995, Palermo. Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701–729.

TRUDGILL, Peter. *Dialects in contact.* New York: Basil-Blackwell, 1986.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.* São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZHU, Ruizhi. *A interferência linguística no contato entre chineses e brasileiros na cidade de São Paulo: uma abordagem etnográfica.* Campinas: UNICAMP, 2022. Ms. Projeto de Doutorado (FAPESP 2022/09601-6).

Recebido: 3/5/2023
Aceito: 5/10/2023
Publicado: 13/11/2023